



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Sexualidade e Gênero

“GAYS EM BUSCA DA CIDADANIA NO RIO DE JANEIRO: AVANÇOS E CONTRÓVERSIAS”

BILA, Fabio Pessanha

Mestre em Sociologia Política

Universidade Estadual de Santa Cruz

fpbila@hotmail.com

Resumo

Nosso trabalho pretende demonstrar que os homossexuais frequentadores do trecho da Praia de Ipanema em frente às ruas Farne de Amoedo e Teixeira de Mello, na cidade do Rio de Janeiro, buscam afirmar sua cidadania. Nesse local é frequente o hasteamento da bandeira do arco-íris símbolo do movimento homossexual no Brasil e no mundo. Nele pode-se observar também comportamentos e atitudes denunciadoras da condição homossexual desses frequentadores. Por isso, buscamos pensar tal espaço como locus de afirmação da identidade e da luta política homossexual, bem como identificar alguns valores (de gênero, sexo e cidadania), compartilhados pelos frequentadores do referido espaço da praia de Ipanema. Para isso, realizamos entrevistas e pesquisa de campo no local. Do ponto de vista teórico nos estribaremos nos textos de Daniel Welzer-Lang, Pierre Bourdieu e Elisabeth Badinter que consideram a heterossexualidade como uma construção cultural imposta aos indivíduos de ambos os sexos. Dessa forma, a sociedade androcêntrica impõe sanções àqueles ou àquelas que transgridem a 'norma' que determina a heterossexualidade e a dominação masculina. A homofobia é definida por Welzer-Lang como a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui algumas qualidades (ou defeitos) acopladas ao outro gênero. Neste sentido, a homofobia engessa as fronteiras do gênero.

Abstract

Our work aims to demonstrate that Gay and Lesbian visitors to Ipanema beach bordering Amoedo, Farne and Teixeira de Mello streets, in Rio de Janeiro, simply seek their state citizenship rights as any other. This location symbolizes the progress of the homosexual movement in Brazil and worldwide. At the same time we also find visitors that complain because they are simply not accepting of homosexuals. Therefore, we believe this place serves as the locus of identity for the affirmation of homosexual political struggle, and identify (gender, sex and citizenship), shared by visitors to that area of Ipanema beach. We conducted interviews and field research to confirm our observations. In theory the texts of Daniel backed Welzer-Lang, Pierre Bourdieu and Elisabeth Badinter considers heterosexuality as a cultural construction imposed on individuals of both genders. Thus, the andocentric society imposes those penalties or those who transgress the 'rule' that determines heterosexuality and maledomination. Homophobia is defined by Lang-Welzer as discrimination against people who show, or who are given some qualities (or defects) coupled to the other gender. One could say that homophobia dictates the boundaries of gender.

Palavras-chave: Cidadania, Homofobia, Masculinidades, Homossexualidade, Heterossexualidade
Keywords: Citizenship, Homophobia, Masculinity, Homosexuality, heterosexuality

Nosso trabalho busca discutir os avanços e as controvérsias dos homossexuais na luta pela cidadania. Para isso, realizamos entrevistas com gays que frequentam o trecho da praia de Ipanema, entre as ruas Teixeira de Mello e Farne de Amoedo, na zona sul, da cidade do Rio de Janeiro. Antes de adentrarmos no universo nas análises das entrevistas faremos um breve resgate histórico do referido bairro.

A praia de Ipanema, através, de sua história, pode ser pensada como um locus privilegiado de movimentos libertários iniciados nos anos 60 com o movimento da contracultura que foi traduzido em atitudes consideradas ousadas e contestadoras à ditadura militar e aos padrões morais cultuados pela sociedade da época. A emblemática figura de Leila Diniz pode ser tomada como exemplo, pois foi uma mulher transgressora. Reivindicava ser independente e desprezava o ideário de mulher burguesa e os valores cultuados pela sociedade como sendo apropriados ao sexo feminino. Esse lugar abrigou também os hippes, que pregavam um estilo de vida *flower power*. O lema cultuado e mais conhecido pelos frequentadores da praia de Ipanema, nesse período, era: “É proibido proibir”. Nos dias atuais, no trecho da praia de Ipanema, entre as ruas Farne de Amoedo e Teixeira de Mello, é frequente o hasteamento da bandeira do arco-íris – símbolo do movimento gay -, e também gestos e atitudes denunciadores da condição homossexual. Por isso, pesamos a praia de Ipanema como possuidora de uma aura simbólica de liberdade, de vanguarda e de descontração. (CASTRO, Ruy, 1999)

Ao traçarmos um o perfil dos frequentadores do referido local verificamos que no que se refere ao sexo dos entrevistados observamos que 81,08% deles são homens. A interpretação desses dados evidencia que há uma predominância dos homossexuais masculinos nesse trecho da praia. Isso condiz com a menor expressividade que o movimento lésbico possui na cidade. Verificamos que a visibilidade dos homens homossexuais é maior que a das lésbicas mesmo nos espaços de socialização denominados de homossexual. O número de bares, discotecas, e saunas voltados, exclusivamente, ao segmento lésbico é muito inferior se comparado com aqueles direcionados ao público gay. Segundo Bourdieu, tal fato é observado até mesmo no interior do movimento LGBT que reproduz a hierarquia de gênero. Isso leva a uma luta interna do movimento homossexual que não dá espaço às demandas do seguimento lésbico. (BOURDIEU, Pierre, 1999 , p.148). Para o antropólogo Edward MacRae (2005, p.303) a menor visibilidade do segmento lésbico se explica pelo fato das lésbicas (e até as heterossexuais) sofrerem uma repressão social que as levam: *a sair menos sozinhas, a serem mais tímidas quanto a manifestações abertas de sua sexualidade: são mais ‘enrustidas’, menos visíveis*. Isso ficou demonstrado na Conferencia Nacional GLBT ocorrida em julho de 2008, em Brasília, onde o seguimento lésbico reivindicou que a letra “L” - que representa as lésbicas - viesse primeiro na sigla do movimento homossexual. Tendo seu pleito atendido a sigla tornou-se LGBT.

Em relação à orientação sexual dos entrevistados, podemos observar que 89,18% se consideram homossexuais masculinos ou femininos e 10,81% bissexuais. Esses dados, sobre a orientação sexual, nos faz considerar que estão ausentes, nesse espaço, outras orientações sexuais como travestis e transexuais. O que nos leva a refletir sobre as permanências da estrutura da dominação masculina. Isso nos sugere afirmar que os homossexuais masculinos reproduzem a hierarquia de gênero. Mesmo nos espaços de socialização, as lésbicas, as travestis, as transexuais e os bissexuais não possuem a mesma visibilidade que o segmento gay. Isso explica o fato do movimento gay ter se fragmentado em movimentos políticos próprios que lutam por identidades e estratégias para enfrentar os preconceitos de gênero no interior do próprio movimento homossexual, revelando que o mesmo não é homogêneo. Observamos que debaixo do grande ‘chapéu do movimento gay’ estavam ocultas diversas identidades sexuais. É necessário que o movimento homossexual faça uma autocrítica e não fixe a identidade gay como sendo a de um homem branco de classe média.

A idade, dos freqüentadores da praia gay de Ipanema, varia de 18 a 58 anos. Evidenciamos que 71,97% dos entrevistados possuem idade que variam entre 18 a 32 anos. Com isso, a presença de jovens homossexuais é hegemônica. Ao considerarmos a praia como um lugar de exposição do corpo é compreensível que mais da metade das pessoas sejam jovens. O bairro de Ipanema, como demonstramos, é um lugar que cultua a prática de esporte, a moda e a gastronomia refinada. Dessa forma, não seria diferente com os homossexuais frequentadores desse espaço.

A cor da maioria desse público é branca, ou seja, 67,56% dos entrevistados se autodeclararam como brancos, (cabe ressaltar que essa classificação brasileira considerada o fenótipo, o que a faz ser bem flexível).

Podemos observar, que o número de frequentadores negros é o menor, totalizando 8,11%, dos entrevistados. Dentre esses, dois são do sexo masculino e uma do sexo feminino. Os primeiros são professores, um tem 45 anos, possui doutorado e mora em Copacabana, zona sul do Rio e o outro 23 anos, possui terceiro grau e mora no bairro do Méier, na zona norte da cidade. A entrevistada do sexo feminino possui 30 anos, trabalha como produtora de moda, cursa o ensino superior e mora em Olaria subúrbio da Leopoldina. Cabe pensar a riqueza de informações que os dados nos apresentam, pois os três entrevistados negros possuem um alto grau de escolaridade para um país como o Brasil e ocupam cargos profissionais de significativo prestígio social. Mesmo considerando o fato de dois desses entrevistados negros morarem no subúrbio, eles podem ser considerados como as ‘elites’ desses bairros.

Dos 37 entrevistados 14 possuem terceiro grau completo e os demais 14 cursam o ensino superior. As profissões deles são consideradas de significativo prestígio social como professor, advogado, médicos, jornalistas dentre outras. Sobre o local de moradia desses homossexuais verificamos que a maioria reside na cidade do Rio de Janeiro. Entre os entrevistados que moram, na cidade do Rio de Janeiro, identificamos que a maioria reside nos bairros localizados na zona sul. Entre os entrevistados verificamos que aqueles que são provenientes da zona norte ou dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro possuem um elevado grau de escolaridade e profissões de prestígio social. Verificamos que embora esses entrevistados não morem na zona sul do Rio, o perfil socioeconômico dos mesmos é muito similar aos demais que moram na zona sul. Isso nos faz considerar que os entrevistados que moram em outras partes da cidade, que não a zona sul, não destoam do perfil hegemônico dos frequentadores da praia gay de Ipanema.

Percebemos que as imagens veiculadas dos homossexuais entrevistados desse espaço da praia de Ipanema são de gays modernos, de padrões elevados e sofisticados de renda, estilo, apresentação corporal, preferências estéticas e consumo, adeptos do estilo musical eletrônico, e sintonizados com modos e modas globalizados associados à homossexualidade. Podemos utilizar termos populares e até mesmo comumente empregados entre os próprios homossexuais para definir os gays de Ipanema: eles seriam os modernos homossexuais que são chamados popularmente de ‘bichas finas’ ou bichas de nível’, ou, ainda, ‘bichas ultralounge’, essa classificação é utilizada para fazer referências aos homossexuais que frequentam as casas noturnas, direcionadas ao público homossexual, adeptas do estilo de música *lounge*, cujos os clientes são compostos de homossexuais ‘finos, modernos e bacanas’. Dessa forma, eles se distinguem das ‘bichas quaquá’ ou mesmo das ‘bichas pocpoc’, personagens tão comuns das piadas de diversos comediantes brasileiros. Essas expressões são utilizadas para designar ou acusar os jovens homossexuais pobres, escandalosos e efeminados das periferias dos centros urbanos.

Apresentamos o perfil dos frequentadores da Praia Gay de Ipanema e verificamos que eles são homossexuais que pertencem às camadas média e média alta tem alto grau de escolaridade, e possuem padrões de consumo refinados e modernos. Esse perfil nos sugere pensar que esses indivíduos possuem um grau de ‘consciência’ sobre direitos ligados à cidadania homossexual. Buscamos, então, indagar a opinião dos entrevistados sobre algumas questões que consideramos importantes para a temática da cidadania tal como a igualdade entre homens e mulheres, homossexuais e heterossexuais e a violência.

A respeito das questões relativas a sexo/gênero pudemos observar que os depoimentos dos entrevistados podem ser classificados em dois grupos: 30% dos informantes reafirmaram os papéis de gênero tradicionais, 54% afirmaram que a sociedade contemporânea está rompendo com o modelo tradicional de gênero. Cabe destacar que 16% dos entrevistados declararam não saber responder a questão. Os informantes que corroboram o modelo tradicional de gênero em suas falas ao responderem ao quesito o que é ser um homem e o que é ser mulher assim se expressaram:

Acho que acima de tudo passar a imagem de homem independente de você ser gay, heterossexual ou bissexual. Se você nasceu homem tem de manter sua imagem e postura de homem, ou seja, ser forte, duro, saber resolver os problemas do dia-a-dia, ter certeza das decisões a serem tomadas, enfim preservar a masculinidade. Eu não concordo com as pessoas que mudam de sexo e acabam sendo uma caricatura bizarra de mulher que só querem aparecer. Se você é macho tem que ser macho. Ser mulher é saber chamar atenção, ser charmosa e delicada. (Gustavo, 21 anos, estudante)

Ser homem é construir a família, a sociedade civil e o seu país. É ter conduta, ter caráter e postura. O papel da mulher para mim ele vem se perdendo há muito tempo. O feminismo acha que as mulheres podem ter uma vida profissional, mas faz com que elas se esqueçam da casa, da família. Eu não sou machista em hipótese alguma. Mas nessa questão tem que haver um equilíbrio nisso aí. Está faltando hoje à função real da mulher dentro de casa e da família. (Valmir, 43 anos, profissão comerciante)

Perguntamos aos nossos entrevistados se eles achavam que homossexuais e heterossexuais possuem os mesmos direitos e por quê? Verificamos que 19% deles responderam que homossexuais e heterossexuais possuem os mesmos direitos na sociedade brasileira. Entretanto, 81% dos entrevistados afirmaram em suas respostas que homossexuais e heterossexuais não possuem os mesmos direitos na sociedade brasileira. Os entrevistados que percebem que há uma diferença entre homossexuais e heterossexuais, afirmam que a principal desigualdade se deve à discriminação e ao preconceito vividos por essa minoria na sociedade brasileira.

A percepção dos entrevistados acerca das questões de sexo/gênero, da igualdade de direitos entre homens e mulheres, bem como entre homossexuais e heterossexuais, podem ser analisadas a partir de um arcabouço teórico que nos possibilita refletir sobre algumas questões referentes a desigualdade de gênero em nossa sociedade. Para o sociólogo Daniel Welzer-Lang (2001) a dominação masculina existente nas sociedades ocidentais, produz uma assimetria entre os gêneros, em que os dominados não percebem da mesma maneira essa relação desigual. Podemos verificar que o discurso da divisão dos sexos e consequentemente da divisão sexual do trabalho está presente nas falas dos entrevistados que reafirmaram os papéis tradicionais de gênero ao terem sido perguntados sobre o que era ser homem e o que era ser mulher na concepção dos informantes como constatamos em seus depoimentos descritos anteriormente. (WELZER-LANG, 2001).

Consideramos que o fato de 30% dos entrevistados perceberem a desigualdade de direitos entre homens e mulheres e 81% afirmarem que homossexuais e heterossexuais não possuem os mesmos direitos na sociedade brasileira, se deve, em parte, ao elevado grau de escolaridade dos frequentadores da praia gay de Ipanema. Outro fator preponderante é o papel que o movimento feminista e o movimento gay desempenharam nas últimas décadas do século XX. Bourdieu (1999), Welzer-Lang (2001) e Badinter (1993) afirmaram que esses movimentos desempenharam importante papel na ampliação da esfera política e do politizável, colocando na agenda política questões que sempre foram relegadas ao mundo privado, como violência doméstica, homofobia, dentre outros. Esses movimentos têm o mérito e o dever de lembrar que o universalismo do princípio valorativo, garantido pelo Direito Constitucional, não é tão universal quanto nos quer parecer. Essa politização possibilitou que a dominação masculina fosse percebida e discutida em todas as esferas da sociedade. O movimento feminista questionou a dominação masculina e a divisão sexual do trabalho e exigiu do Estado políticas públicas que minimizassem as desigualdades entre homens e mulheres

O desdobramento, da luta do movimento homossexual, pode ser verificado quando analisamos a opinião dos entrevistados ao responderem a seguinte pergunta: você é a favor da união civil entre pessoas do mesmo sexo? A essa questão 94,60% dos informantes se declararam a favor da legalização da união civil, como demonstra o gráfico seguinte: Os entrevistados favoráveis à união civil entre pessoas do mesmo sexo, argumentam que o reconhecimento legal das uniões de casais gays e lésbicas possibilitaria uma maior igualdade entre homossexuais e heterossexuais e ressaltam os benefícios desse tipo de união para os casais homossexuais femininos e masculinos, como percebemos nos depoimentos seguintes

A sociedade moderna optou por construir um Estado laico que represente e expresse a diversidade religiosa e cultural da sociedade. Mas esse é um processo ainda inconcluso. Portanto, o Estado brasileiro, ao se propor laico deveria prever variadas formas de união civil entre parceiros, como a união civil de pessoas do mesmo sexo (ou a poligamia). Por isso, além de favorável a adoção da união civil de pessoas do mesmo sexo, acredito que ela é coerente ao que propõe um Estado laico. (Peter, 27 anos, profissão servidor público federal)

É interessante analisar o discurso de Verônica a única entrevistada contrária à união civil entre pessoas do mesmo sexo:

Eu acho uma besteira, acho que não tinha que existir esse negócio – acho uma babaquice esse negócio – casar, acho uma besteira danada, acho até que casal heterossexual casar é babaquice, uma babaquice casar no papel. Depois, ter que separar, ter que fazer partilha de bens! Se gostar, se junta, para que colocar no papel? Nada a ver, acho uma caretice os homossexuais, que se dizem abertos querem reivindicar o casamento. Na verdade eles estão buscando a caretice dos heterossexuais. (Verônica, 36 anos, profissão fisioterapeuta)

Nos parece que a entrevistada aponta para uma forma de união não regulada pelo Estado. A fala da entrevistada nos aponta para uma ruptura do modelo heteronormativo.

Sabemos que os homossexuais em nossa sociedade são vítimas de violências física e simbólica. Dessa forma, buscamos indagar os frequentadores da praia gay de Ipanema: você já se sentiu discriminado ou ameaçado em algum lugar público (praia, praças, restaurantes) por causa da sua orientação sexual?

Observamos que 54% dos informantes consideram não terem sido discriminados, vítimas de preconceitos ou agredidos fisicamente por causa da sua orientação sexual. Dentre esses entrevistados observamos que há aqueles que afirmam de maneira categórica nunca terem sofrido qualquer forma de discriminação, nunca ter vivenciado alguma situação de preconceito e de agressão física devido à sua orientação sexual. Dentre os entrevistados que declaram não terem sofrido ameaças ou discriminações por causa da sua orientação sexual, observamos em seus depoimentos uma visível contradição, como podemos verificar nas falas dos seguintes entrevistados:

Não eu nunca sofri porque eu me respeito. Eu sou um professor universitário. Eu já estudei no Brasil e fora do país, e sei quais são os meus direitos e os meus deveres. Em hipótese nenhuma eu admito que alguém me chame de gay, porque eu me imponho e não dou trela, não admito baixaria porque sei ser discreto, não demonstro minha sexualidade, eu imponho, pois sei da minha condição. (Marx, 40 anos, profissão professor universitário)

Não porque eu procuro ser o mais discreto possível não deixo que as pessoas percebam minha sexualidade, pois sei o que pode ocorrer. Eu não fico levantando bandeira. Em lugar público eu não acho necessário demonstrar minha sexualidade, com determinados comportamentos. Mas eu acho negativo não poder demonstrar meu afeto em público. Entretanto, eu procuro não ser efeminado. (Fábio, 27 anos, profissão oficial de náutica)

Não, embora eu frequente todos os lugares eu tenho mais amigos heterossexuais do que homossexuais, para não ficar tão evidente minha orientação sexual e evitar essas situações desagradáveis. (Magno, 23 anos, profissão professor)

Percebemos nesses depoimentos dos entrevistados que eles escondem sua orientação sexual, embora, afirmem categoricamente que não sofreram qualquer forma de discriminação ou ameaça. Suas falas, porém nos mostram a clara preocupação de esconder sua sexualidade, por terem consciência da discriminação e do preconceito de que são vítimas os homossexuais em nossa sociedade. Cabe perguntarmos se o fato dos entrevistados declararem que é necessário se impor, ser discreto, não ser efeminado, não ser visto com muitos amigos gays, por si só já não significaria uma ameaça e uma forma de discriminação? Isso fica evidente na fala de Fábio que lamenta não poder demonstrar afeto em público.

As contradições nos depoimentos dos informantes nos possibilitam pensá-las como uma falta de ‘consciência’ da homofobia que impõe limites na cidadania homossexual. Segundo, Welzer-Lang (2001) a homofobia é a discriminação contra os homossexuais masculinos e femininos por terem transgredido as rígidas fronteiras do gênero. Ela (homofobia) é uma forma de controle social que se exerce sobre os homens e as mulheres desde a tenra infância. De acordo com Bourdieu a homofobia faz com que os homossexuais sejam marcados por um estigma e sejam vítimas de violência, física e simbólica, em nossa sociedade. Isso faz com que a homossexualidade seja negada publicamente. Assim, a homofobia tem sua eficácia social cuja principal função é reforçar a heterossexualidade.

Um dado que nos desperta atenção é que das sete mulheres entrevistadas 6 afirmam categoricamente que nunca se sentiram discriminadas ou ameaçadas. Podemos explicar esse dado se considerarmos que há um

menor controle social sobre a homossexualidade feminina. Para entendermos melhor esse mecanismo temos que analisar o processo de construção da masculinidade em nossa sociedade. Para a construção da masculinidade é necessário que os homens realizem todo um trabalho, um esforço para alcançar o status da virilidade. Assim, a identidade masculina se constitui como um em desafio constante de provar ser, diferente das mulheres. Para elas, o dia da sua primeira menstruação, constitui a prova de que é para sempre uma mulher. A homofobia exerce um importante papel na preservação das fronteiras entre os gêneros.

As discriminações, ameaças e xingamentos foram perpetradas em restaurantes e outros lugares público. Podemos observar essas situações nos seguintes depoimentos

Sim. Estava caminhando para o ponto de ônibus, no baixo Leblon, quando ouvi dois rapazes proferindo termos como veado, bichinha e marica. Eles, ainda, ensaiavam chutes e já estavam se aproximando de mim. Então, andei mais rápido e consegui chegar ao ponto ônibus onde havia algumas pessoas. Com isso, eles desistiram de me seguir. Essa foi a única ameaça física que sofri. Agora, preconceito de um modo geral, o preconceito verbal, o preconceito velado, o preconceito que não é físico, já sofri de várias maneiras. Pois os homossexuais não correspondem ao que a sociedade espera de um homem. (Eduardo, 45 anos, profissão publicitário)

Já fui marginalizado em um restaurante, quando fui jantar com meu namorado. Eu havia feito uma reserva e quando cheguei o gerente queria nos colocar em uma mesa em um canto 'escondido' do estabelecimento, porque achava conveniente para homossexuais e não queria que ocupasse a mesa que escolhi. (Leandro, 24 anos, profissão enfermeiro)

Sim. Quase fui obrigada a sair de um bar porque, quando cheguei beijei minha namorada. O gerente, então, alegou que todas as mesas vazias do bar que eram muitas, estavam reservadas. Então nos discutimos muito. (Gilberto, 31 anos, profissão arquiteto).

Consideramos que o fato desses gays terem uma aguçada percepção ao associar as discriminações sofridas à homofobia é fruto da luta do movimento homossexual que tem desempenhado um importante papel ao debater publicamente a violência de que são vítimas os homossexuais. Indagamos, ainda, aos nossos entrevistados: você já deixou de frequentar algum lugar por se sentir discriminado ou ameaçado face a sua orientação sexual? Observamos que dois entrevistados deixaram de frequentar determinados lugares por se sentirem discriminados, como podemos verificar nas falas seguintes:

Sim, já deixei de frequentar muitos lugares como casas noturnas direcionadas ao público heterossexual. E até mesmo evito estar em grupos de pessoas heterossexuais, como na faculdade, porque tenho medo de ser discriminado a qualquer momento com chacotas ou algo do tipo. (Carlos, 19 anos, profissionais programador)

Deixei de ir ao baile funk. Percebi que é um lugar que estimula a violência contra os homossexuais, porque as músicas fazem apologia ao machismo. Os frequentadores desses bailes me olhavam diferente e por qualquer coisa que fizesse pareciam que iriam me bater, como esbarrar em alguém acidentalmente. (Frederico, 20 anos, profissão cozinheiro)

Em nossa análise constatamos que os entrevistados que afirmaram não terem deixado de frequentar os lugares onde foram discriminados, ao retornarem a esses locais adotaram uma postura masculina ou reservada como mostram os depoimentos:

Claro que tenho uma postura mais discreta em ambientes como bares, restaurantes e faculdade. Embora hoje eu prefira frequentar lugares direcionados ao público gay, porque não tenho que ficar adotando uma postura masculina tradicional. (Pedro, 33 anos, profissão jornalista)

Embora nunca tenha sofrido discriminação, nem situação de preconceito, adoto uma postura reservada quando estou acompanhado de um namorado em bares ou restaurante, como por exemplo, deixo de fazer carinhos porque não me sinto à vontade, mas não deixo de ir. (Gabriel, 21 anos, estudante)

Não deixei porque eu tento manter minha imagem de homem, não deixo de ser homem só porque sou homossexual. Se eu tiver com um grupo de amigos em lugar privado eu vou rir, conversar e fazer o que quisermos. Mas na rua tem de manter sua postura de homem e a mulher sua postura de mulher. (Gustavo, 21 anos, estudante)

Em locais direcionados ao público heterossexual sempre tenho uma postura mais reservada para evitar complicações. Pois os homossexuais diferentes dos negros, podem optar por 'esconder' sua condição de opressão em locais em que se sente ameaçado. (Peter, 27 anos, profissão servidor público federal)

Deduzimos, portanto, a partir das falas, que a estratégia utilizada por eles para não sofrerem discriminações e preconceitos, foi a de adotar uma postura masculina tradicional. Percebemos, ainda, em seus depoimentos uma mensagem que pode nos parecer oculta, em uma primeira análise, mas que traduz uma hierarquia entre os próprios homossexuais. O que aparentemente é uma defesa, pode ser interpretado como uma forma de se livrar do estigma, isso porque os homossexuais considerados efeminados, pelos heterossexuais e pelos próprios homossexuais, são vistos como culpados pela discriminação ou violência que venham por ventura a sofrer. Essa constatação é evidente na fala do entrevistado Gustavo que reafirma que os homossexuais devem assumir uma postura masculina. Esse fato leva os homossexuais a considerarem, em certa medida, eles próprios como responsáveis pela violência de que são vítimas. Isso faz com que os gays reafirmem inconscientemente o heterossexismo e a homofobia que são formas de discriminação contra os indivíduos cuja orientação sexual transgride a norma heterossexual, o que reafirma a rígida e intransponível fronteira hierárquica entre os gêneros masculino e feminino, criando também uma hierarquia entre os homens.

Essas considerações são de crucial importância para entendermos as repostas dos entrevistados à seguinte questão: você acha que os homossexuais têm preconceitos contra si próprios? Verificamos que 85% dos entrevistados responderam que sim. Coligimos alguns depoimentos que consideramos ilustrativos das repostas dos entrevistados. Para um grupo o preconceito dos homossexuais contra si próprios se deve ao fato dos mesmos terem criado uma hierarquia pautada no tipo físico, na virilidade, na cor, na idade e no papel sexual

Acho que sim, Os homossexuais têm preconceitos entre eles, quando o gay é mais efeminado, ou negro, ou se é pobre. (Pedro, 33 anos, profissão jornalista)

Sim principalmente quando escondem a orientação sexual. Os homossexuais mais sarados ficam chamando os outros de bichona e pintosa. (Fabrício, 18 anos, estudante)

Sim, os bissexuais têm preconceitos internos contra afeminados. Tem os liberais e os gays conservadores que recriminam os que frequentam saunas e que tem uma vida sexual mais ativa. (Gabriel, 21 anos, estudante)

Sim eu tiro por mim mesmo. Não gosto de gays efeminados e travestis eu acho estranho, berrante. (Fábio, 27 anos, profissão oficial de náutica)

Sim, pois subdividem-se em grupos para se relacionar. Exemplo: barbies só andam com barbies, ursos só andam com ursos. O preconceito é muito maior em nosso meio. O gay é muito preconceituoso com os outros homossexuais que não sejam como eles. Eu sou portador de deficiência física, sofro muito mais discriminação dos próprios gays do que fora do meio homossexual. Assim, afirmo os gays são muito mais preconceituosos entre eles mesmos. (Júlio, 27 anos, profissão técnico de informática)

O outro grupo considera que o preconceito dos homossexuais contra si próprios se deve à homofobia da sociedade e a hierarquia existente entre os próprios gays:

Sim talvez por conta da nossa formação desde a tenra idade que nos leva a abominar a homossexualidade. Principalmente em relação aos travestis ou algum gay que é efeminado ao extremo. Eu mesmo já me peguei nessa situação. Esses comportamentos são uma afronta ao ideal de masculinidade. E por isso mesmo os gays em algum momento identificam esses valores de

masculinidades em algumas situações do cotidiano que levam os próprios gays a terem preconceitos. (Dirceu, 27 anos, profissão administrador)

Alguns sim, pois não se sentem a vontade em locais públicos, não dão as mãos ao andarem na rua, a maioria esconde a homossexualidade em ambientes de trabalho. (Sandra, 25 anos, profissão bailarina)

Tem sim. Existe isso sim, talvez por um motivo muito básico, muito simples, porque parte dos homossexuais não se aceita e não se aceitam não apenas como homossexuais, mas também como pessoas, têm uma dificuldade muito grande de se gostar e se amar por causa das injunções sociais como a discriminação e o preconceito que a homofobia produz. E entre os homossexuais existe uma estratificação. Alguns homossexuais não gostam de outros porque é pobre, ou dá muita pinta, ou é gordo, ou é soropositivo. (Eduardo, 45 anos, profissão publicitário)

Acho que sim. O homossexual tem que ter uma postura. Ele tem que saber se impor em qualquer lugar. E tem muitos homossexuais que se colocam como preconceituosos contra ele mesmo. Dizendo eu não posso ir aqui, não posso ir ali, mas você pode tudo sabendo medir todas as consequências e principalmente mantendo a discrição. (Marcos, 24 anos, profissão militar)

Sim muitos preconceitos. Seja contra própria condição homossexual, já que ainda encontramos gays que não aceitam seus desejos, por considerá-los errados. Seja pelo fato dos homossexuais que têm preconceitos contra o 'subgrupos' da comunidade gay como: os travestis, efeminados, homossexuais de periferia, homossexuais negros, gay feio, gordo, mal vestido etc. (Peter, 27 anos, profissão servidor público federal)

Essas falas podem ser compreendidas de forma clara se nos apoiarmos no conceito de violência simbólica elaborado por Bourdieu (1999), já demonstrado anteriormente neste trabalho. Em linhas gerais ela, (violência simbólica), faz com que o dominado assuma a respeito de si mesmo a visão do dominante sendo levado assim a aplicar a si mesmo e a aceitar, constrangido e forçado, as categorias ditas normais e construídas socialmente, passando a viver envergonhadamente sua experiência sexual, pois a visão dominante o define como anormal. Essa violência pulveriza o movimento gay, e impede que o mesmo conquiste uma existência legítima na sociedade. Tal divisão é evidenciada nas falas dos entrevistados demonstradas anteriormente como pudemos perceber. Essa segmentação acarreta consequências negativas para o movimento homossexual e impossibilita uma luta conjunta de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais na luta pela efetivação da cidadania homossexual.

Sobre a questão dos preconceitos entre os próprios homossexuais com relação à classe social, etnia e tipo físico, as reflexões de Edward MacRae (2005) sobre o segmento homossexual corroboram as falas dos nossos entrevistados. Segundo, o autor, nesses espaços há uma regulamentação dos comportamentos dos frequentadores que excluem as relações inter-étnicas, interclasses e entre pessoas de idade muito díspares. Ao examinar os espaços utilizados por homossexuais nas grandes metrópoles brasileiras ele verificou que nesses lugares os homossexuais tendem a se segregar tomando como referência a classe social, o grupo étnico e o tipo físico. Ressaltou, entretanto, que essa segregação fica suspensa em determinadas situações, pois:

Entre os homossexuais masculinos, a atração sexual é vista como sendo principalmente física: dois homens de distinta posição social podem cruzar olhares na rua, parar para conversar e em poucos minutos estarem juntos na cama. A aventura e o gosto pelo desconhecido continuam a ser prezadíssimos condimentos de uma 'transa' (MACRAE, Edward, 2005, p. 305).

Perguntamos aos entrevistados se eles consideram que o movimento gay, na cidade do Rio de Janeiro, desempenha seu papel na luta pelos direitos dos homossexuais. Indagamos também sobre a representação dos entrevistados a respeito da parada gay. As respostas a essas questões demonstraram que 86% dos

informantes consideram que o movimento homossexual exerce sua função na luta política pela cidadania homossexual. Ressaltaram também que a parada gay é um importante instrumento de luta política em prol da visibilidade das demandas da comunidade homossexual e a afirmação pública da homossexualidade enquanto orientação sexual possível. Tal coisa pode ser verificada nos seguintes depoimentos:

O movimento do Rio cumpre seu papel na luta pelos direitos dos homossexuais. Porém hoje ele se reduziu a ONGS, o que tira sua capacidade de combatividade e radicalidade. E a parada representa para mim, um espaço importante de afirmação da comunidade LGBTT com todas as suas contradições. Mesmo tendo se tornado um espaço de 'festa', para muitos de seus integrantes, ainda assim (e mesmo com a participação destes) é um espaço de afirmação de identidades e demonstração de força política. (Peter, 27 anos, profissão servidor público federal)

Para Badinter com a luta do movimento LGBT houve uma mudança na vivência do homossexual, na atualidade, após as lutas de reconhecimento e visibilidade do movimento gay. Para ela o homossexual *hoje não se exhibe mais nem se oculta, e quer viver como todo mundo. Pensando que 'a homossexualidade é uma fonte de felicidade igual à heterossexualidade', ele acredita no amor, vive em casal e tem uma vida afetiva profunda*(BADINTER. Elizabeth, 1993, 164).

Essa nova percepção da vivência da homossexualidade foi verificada nas falas dos entrevistados quando perguntados sobre a representação do espaço da praia de Ipanema entre as ruas Farme de Amoedo e Teixeira de Mello, como podemos verificar:

É o meu lugar. Porque eu me sinto a vontade de agir como eu quero. Poder segurar na mão da minha companheira beijar sem que ninguém fique me olhando torto ou esquisito. Acho que as pessoas ficam mais acostumadas a lidar com os homossexuais por verem as pessoas aqui na praia de mãos dadas e em bares, isso faz com a aceitação da diferença pela sociedade seja mais fácil. (Márcia, 27 anos, profissão arquiteta)

Os depoentes consideram que o referido espaço representa liberdade:

Um espaço de liberdade na nossa cidade. Onde eu moro, é mais próximo da Barra, o acesso é mais fácil. Para eu vir à Ipanema demora muito mais do que ir pra Barra, mas é aqui que me satisfaz.(Verônica, 36 anos, profissão fisioterapeuta)

Este trecho foi para mim, um espaço de vivências, de liberdade e construção de identidade. E acredito que para toda uma geração. (Peter, 27 anos, profissão servidor público federal)

Verificamos, ainda, que alguns entrevistados consideram o local importante para afirmação homossexual, entretanto lamentam o fato de terem que limitar sua vivência gay a determinados lugares:

É bom e é ruim, tem o seu lado bom e não tem. É bom porque pelo menos você tem um espaço onde você se sente mais livre, onde você pode beijar, como pode abraçar, pode falar livremente e é ruim talvez pelo mesmo motivo – porra! – a gente tem que ter um espacinho na areia pra poder exercer os nossos direitos? Pra poder exercer a afetividade, pra poder abraçar o amigo? Pra poder beijar uma pessoa, beijar pura e simplesmente uma pessoa e demonstrar o seu afeto? Então eu acho que da mesma forma que é bom é ruim, mas pelo menos é bom que exista, né? Pelo menos você tem um lugar que é... assim... vamos dizer, fazer de conta que o mundo não é tão ruim quanto parece, né?(Eduardo, 45 anos, profissão publicitário)

Identificamos, também, que os depoentes percebem a existência de uma estratificação social no lugar:

É legal! Embora, seja em via pública há uma estratificação social. Nem todos têm acesso a esse espaço é necessário pensar uma forma de popularizar mais esse local. (Rodrigo, 31 anos, profissão professor)

Um espaço para uma elite gay da zona sul. Anteriormente era mais democrático. (Júlio, 27 anos, profissão técnico de informática)

Essas falas demonstram que esse trecho da praia de Ipanema é considerado, pelos seus frequentadores, um lugar de liberdade e de afirmação pública da homossexualidade. Essa percepção foi corroborada por Patrícia Silveira de Farias que considera que os diversos grupos sociais e étnicos que ocupam determinados pedaços da praia têm como objetivo afirmar a identidade no espaço público. Em sua análise ela considera que os homossexuais que frequentam o referido lugar utilizam-no para obter visibilidade no espaço público.¹ Esse local constitui, portanto, um território reafirmado como sendo deles. Ao se tornarem públicos, tais lugares passam a ser frequentados por pessoas com as mesmas características. A Praia Gay de Ipanema pode ser então pensada como um espaço de sociabilidade. As falas dos entrevistados transcritas anteriormente demonstram que nele os homossexuais podem efetuar contatos e descobertas sobre a sua sexualidade, pois desfrutam do mesmo lócus com pessoas semelhantes. As experiências vivenciadas possibilitam aos frequentadores construir sua identidade e ressignificar a visão negativa construída socialmente da homossexualidade como ‘anormalidade’. Possibilita que os gays pensem sua sexualidade como algo possível e que eles são sujeitos de direitos. Um importante aspecto desse lugar é a visibilidade pública conferida à homossexualidade, ou seja, as demandas dos gays e das lésbicas passam a fazer parte efetiva do espaço público. Dessa forma, o fato desses frequentadores estarem presentes no referido trecho da praia de Ipanema pode ser interpretado como um ato político. Verificamos nas falas dos frequentadores essa perspectiva. Eles pensam a Praia Gay em um sentido social e político para o grupo homossexual. O estar na praia é uma postura política. Isto porque possibilita que gradativamente vá se descortinando os mitos construídos socialmente sobre a homossexualidade que a considerava como maldição, pecado, anormalidade e doença. A Praia Gay de Ipanema dá visibilidade à intimidade desses homossexuais, o que possibilita pensar a homossexualidade fora dos parâmetros heterossexistas e também reafirmar os pressupostos básicos da homossexualidade como condição possível. Ao analisarmos as falas dos entrevistados percebemos em seus discursos o desejo de expandir esse pedaço da praia para todos os lugares da cidade buscando uma diluição gradual das fronteiras desse espaço. Isto para que a homossexualidade deixe de ser considerada como uma coisa à parte, e possa ser pensada como uma orientação sexual possível no mesmo patamar de igualdade com a heterossexualidade. Entretanto, percebemos nas falas de Rodrigo e Júlio a temática da estratificação social. Para eles a Praia Gay de Ipanema é vista como um lócus que congrega homossexuais de segmentos sociais de médio e de alto poder aquisitivo. Demonstramos anteriormente o perfil socioeconômico dos frequentadores do referido trecho da praia de Ipanema em análise, que corroboram as percepções desses entrevistados. Ao refletirmos sobre esse tema percebemos que embora esse lugar seja sem sombra de dúvidas de luta política pela cidadania homossexual é necessário colocar algumas questões. Quem são os homossexuais que travam essa luta na Praia Gay de Ipanema? Qual é a cor desses indivíduos? Será que esse espaço considerado como de liberdade está restrito a determinado modelo de homossexual que se define como moderno, branco, culto, antenado com a moda, de estilo de vida considerado refinado? Não seria esse fato associado à reprodução da dominação masculina pelos próprios homossexuais um empecilho ao avanço mais contundente da luta pela cidadania homossexual? Essas questões merecem uma reflexão no sentido de apontar os próprios limites dessa luta. Verificamos que os frequentadores da Praia Gay de Ipanema possuem características semelhantes como a classe social e o estilo de vida que cultua o corpo e a cor. São antenados com a moda, gostam de gastronomia refinada e cultuam os valores tradicionais masculinos, como a virilidade traduzida na prática do fisiculturismo com a finalidade de alcançar o corpo considerado ideal. Os homossexuais que destoam desse modelo são considerados inferiores pelos próprios homossexuais, principalmente os que possuem um comportamento mais efeminado. Para pensar essa questão é necessário refletir sobre as hierarquias de gênero que nos parecem ser reproduzidas no segmento homossexual. Consideramos que a Praia Gay de Ipanema pode ser, portanto pensada como uma forma de implementação

de uma estratégia que em um primeiro momento pode parecer limitada, mas que tem repercussões nacionais e internacionais contribuindo assim para o avanço das lutas dos homossexuais. Dessa forma, esse trecho de praia é um lócus importantíssimo da luta gay. Dá visibilidade pública à homossexualidade como possibilidade fora dos padrões heterossexuais considerados ‘normais’ pela sociedade e também reafirma os pressupostos básicos da homossexualidade como uma orientação sexual possível, reafirmando a cidadania homossexual apesar dos limites referentes a cor, classe e estilo de vida.

CONCLUSÃO

Verificamos que os frequentadores do referido espaço da praia de Ipanema vêem o local como potencial político de afirmação da cidadania homossexual, como demonstramos através das falas dos entrevistados em nossa análise. Entretanto, percebemos que a reivindicação por uma cidadania plena pelos frequentadores esbarra em algumas contradições presentes nos seus discursos. Ao traçarmos o perfil socioeconômico dos homossexuais que o frequentam identificamos que os mesmos possuem um elevado grau de escolaridade, a cor da maioria deles é branca e são moradores da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Por outro lado a questão de classe é um fator limitador da reivindicação da cidadania homossexual. Apontamos também a partir da análise dos depoimentos dos entrevistados a reprodução dos padrões heteronormativos nos seus discursos, o que significa um empecilho para efetivação da cidadania. Os dados mostram que há um padrão/modelo de homossexualidade cultuado e considerado legítimo pelos frequentadores do referido trecho da praia de Ipanema. Tal modelo se pauta na valorização do consumo, do culto ao corpo, da masculinidade e da virilidade. Dessa forma questionar quem concorreria mais para o avanço da luta pela cidadania e aceitação da homossexualidade: a ‘bichinha pocpoc’ do subúrbio que não se aventura nas areias de Ipanema ou a ‘barbie’ bonita, estilosa e bem-apessoada?

BIBLIOGRAFIA

- Badinter, Elisabeth (1993). XY Sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro : Nova Fronteira.
- Bourdieu, Pierre (1999). A Dominação Masculina. Rio de Janeiro : Bertand Brasil.
- Castro, Ruy (1999). Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema. São Paulo : Companhs das Letras.
- MacRae, Eduardo et al (org) (2005). Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo : UNESP.
- Welzer-Lang, Daniel (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: Estudos Feministas. Florianópolis : UFS, Vol. 09, nº 02, 2001.

ⁱ FARIAS, Patrícia Silveira de. *Op. cit.*, p. 20-50.